



# Rede de Cartas

Práticas de  
pesquisa-ação que  
conectam saberes  
e territórios

Prática de pesquisa-ação

# Rede de Cartas

Práticas de pesquisa-ação que conectam saberes e territórios

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rede de cartas [livro eletrônico] : práticas de pesquisa-ação que conectam saberes e territórios / [texto e edição Daniele Próspero]. -- São Paulo : Associação Cidade Escola Aprendiz, 2026.  
PDF

Vários colaboradores.  
ISBN 978-85-64569-45-4

1. Cartas - Coletâneas 2. Educação cooperativa  
3. Escrita criativa I. Próspero, Daniele.

26-344872.0

CDD-808.86

### Índices para catálogo sistemático:

1. Cartas : Coletâneas : Literatura 808.86

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

## Ficha técnica

### Elaboração do material

#### Coordenação editorial

Estúdio Caís - Projetos de Interesse Público

#### Coordenação técnica

Giulia Luz Garuzi  
Heloísa H. D. Martins Proença

#### Texto e edição

Daniele Próspero

#### Revisão ortográfica

Marta Pachiella Martinez

#### Projeto gráfico e diagramação

Gláucia Cavalcante

### Rede de Cartas

#### EMEF Santo Antônio (Soledade/RS)

Cassiana Coletti  
Tania Battisti Faoro

#### EE Prof. André Fort (Campinas/SP)

Ana Luiza Tayar Lima  
Andreia Marquete

#### EMEB Gov. André Franco Montoro (Valinhos/SP)

Fátima Cardella de Souza Magalhães

### Cidade Escola Aprendiz

#### Direção Colegiada

Paula Patrone  
Raiana Ribeiro  
Roberta Tasselli

#### Direção institucional

Paula Patrone

#### Direção de Programas

Raiana Ribeiro

#### Direção de Comunicação para o Desenvolvimento

Roberta Tasselli

#### Gerente de Programas

Maíra da Costa

Projeto: Territórios Educativos e Educação Integral em contexto de crise: caminhos para transformação de redes e escolas brasileiras

#### Gestão do projeto

Helena Freire Weffort

#### Pesquisadoras e Formadoras

Bergman de Paula Pereira  
Giulia Luz Garuzi  
Heloísa H. D. Martins Proença

#### Assessoria

Maria Thereza Marcílio

#### Apoio

Imaginable Futures

# Sumário

<b>Carta às leitoras e leitores</b>	<b>5</b>
<b>Como tudo começou</b>	<b>6</b>
<b>A correspondência para mobilizar para a ação</b>	<b>8</b>
<b>Rede de Cartas: uma ponte de afetos e aprendizados significativos</b>	<b>12</b>
<b>HQ: o caminho das cartas que conecta estudantes e escolas pelo país</b>	<b>19</b>
<b>A aprendizagem transformadora</b>	<b>22</b>
<b>Rede sempre rede: conexões que não se desfazem</b>	<b>30</b>
<b>A experiência compartilhada que inspira para novas práticas</b>	<b>28</b>
<b>#Ficaadica: que tal implementar uma Rede de Cartas em seu território?</b>	<b>32</b>

Remetente: Cidade Escola Aprendiz

Público destinatário: Todas as pessoas que acreditam numa Educação transformadora

São Paulo, setembro de 2025.

Queridas e queridos leitores,

Qual a potência de uma criança com papel e caneta nas mãos, escrevendo sobre si, sobre seu território, sobre sua vida escolar? E se esse papel e caneta trouxessem também uma curiosidade real em saber como é a vida, o território, os costumes, os desafios e até a comida preferida de outra criança que vive bem longe de sua realidade? Que aprendizados essas perguntas podem gerar? Quantos saberes, além do sentimento de pertencimento, podem despertar nesse movimento de trocas e aproximações?

Se você tem dúvidas sobre quais são as respostas para tantos questionamentos, então precisa conhecer de perto a experiência da Rede de Cartas, uma teia de encontros, tecitura de laços e aprendizagem significativa que surge a partir da conexão promovida pelo projeto de pesquisa-ação: "Territórios Educativos e Educação Integral em contextos de crise: caminhos para a transformação das redes e escolas brasileiras".

Aqui, neste material, você vai conhecer como esses papéis ganharam vida, cores e muitas histórias pelas mãos de crianças, de três cidades: Soledade (RS), Valinhos e Campinas (SP). Uma rede potente que uniu três escolas e cinco educadoras e possibilitou a criação de um ambiente em que a escrita de cartas se tornou um meio de mobilização, registro e expressão de experiências individuais e coletivas.

Uma proposta que permitiu engajar as crianças em processos de escuta, diálogo, escritas significativas e ainda promover a produção de conhecimento afetivo e pedagógico.

Se inspire com as histórias e, também, com as dicas e sugestões para que novas iniciativas como esta se espalhem pelos quatro cantos do Brasil.

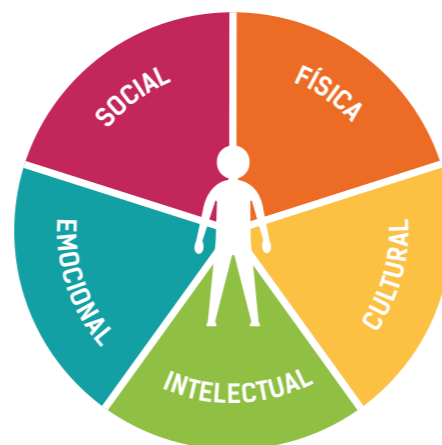
Boa leitura!

## Como tudo começou...

Toda história tem um começo, certo? E a nossa também. E ela começa lá na cidade de Soledade, localizada no norte do Rio Grande do Sul, no Planalto Riograndense, no alto da serra do Botucaraí, a 726 metros acima do nível do mar e distante 220 km da capital do Estado, Porto Alegre.

É justamente ali que, desde o segundo semestre de 2023, tem se desenvolvido uma experiência em que gestores públicos, educadoras e educadores, famílias, escolas, estudantes e diversas outras instituições locais têm trabalhado juntos, em colaboração, para construir e fortalecer uma visão sistêmica para efetivação do Direito à Educação, ou seja, quando todas e todos atuam de forma integrada, desenvolvendo um conjunto de ações coletivas e conectadas.

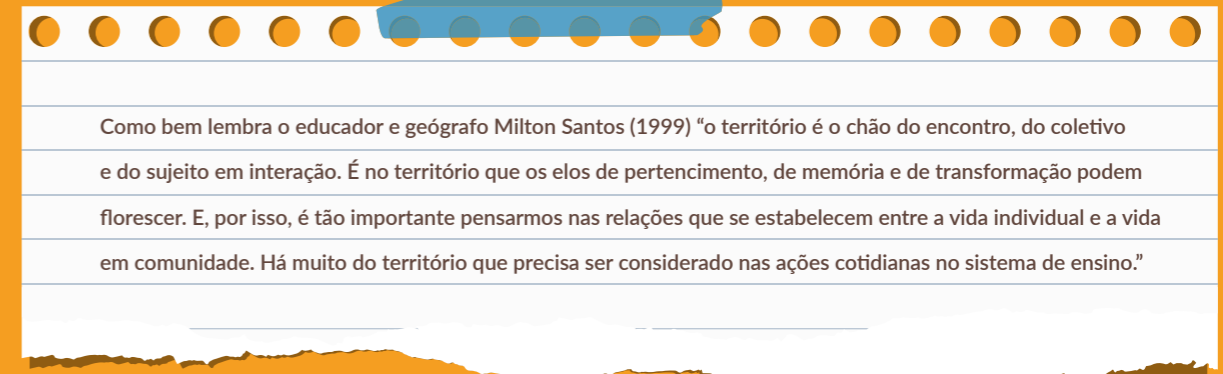
Nesse caso, o objetivo é fortalecer uma Educação que promove experiências transformadoras e garante o desenvolvimento integral de suas e seus estudantes, na relação profunda com o território.



A iniciativa faz parte do projeto de pesquisa-ação **“Territórios Educativos e Educação Integral em contextos de crise: caminhos para a transformação das redes e escolas brasileiras”**, uma realização da organização Cidade Escola Aprendiz, com apoio da Imaginable Futures. A pesquisa-ação é uma metodologia de investigação que busca resolver problemas – nesse caso, os desafios da Educação, – por meio da participação dos sujeitos envolvidos, em um processo contínuo de reflexão e ação, buscando juntos as soluções.

A cidade de Soledade, no Rio Grande do Sul, é um dos locais nos quais o processo de pesquisa-ação – que envolveu diversas etapas desde 2021 – vem sendo desenvolvido, assim como a cidade de Conceição da Barra, no Espírito Santo.

Conheça mais sobre o projeto em: [www.cidadeescolaaprendiz.org.br/atuacao-sistematica](http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/atuacao-sistematica)



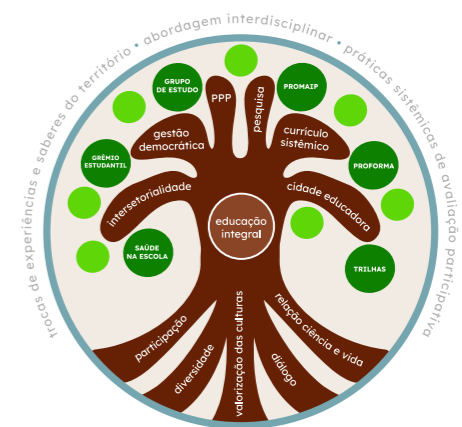
Como bem lembra o educador e geógrafo Milton Santos (1999) “o território é o chão do encontro, do coletivo e do sujeito em interação. É no território que os elos de pertencimento, de memória e de transformação podem florescer. E, por isso, é tão importante pensarmos nas relações que se estabelecem entre a vida individual e a vida em comunidade. Há muito do território que precisa ser considerado nas ações cotidianas no sistema de ensino.”

Extrato da carta enviada à rede de ensino de Soledade pelo projeto

A partir do trabalho realizado pelo projeto de pesquisa-ação, com grupos de profissionais representantes do Sistema Municipal de Ensino, foi criado o Mapa Sistêmico de Soledade, que levou a um processo de planejamento participativo de políticas locais, envolvendo várias ações. Esse mapa permitiu a todas as pessoas envolvidas compreender as relações entre os diferentes atores da comunidade escolar e a identificar as necessidades e oportunidades para o fortalecimento da Educação Integral, numa visão sistêmica.

Nesse movimento, foi possível perceber a importância da criação de estratégias que ultrapassam o ambiente escolar. O mapa local revelou que as conexões afetivas e a valorização das narrativas locais eram elementos essenciais para mobilizar a comunidade.

Foi a partir de um olhar atento das educadoras da EMEF Santo Antônio, conectadas a todo esse movimento local, que as cartas se tornaram um instrumento potente para estreitar laços e promover o engajamento de crianças, famílias e educadores.



MAPA SISTÊMICO - SOLEDADE

Fonte: dupla de pesquisa (Soledade-RS) - 2024

Conheça mais sobre a proposta do Mapa Sistêmico no site do projeto: [www.cidadeescolaaprendiz.org.br/atuacao-sistematica](http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/atuacao-sistematica)

## A correspondência para mobilizar para a ação

O que era apenas uma atividade em sala de aula, ganhou novos caminhos e extrapolou os muros da escola a partir deste olhar conectado ao território por parte das educadoras da EMEF Santo Antônio.

“Tudo começou com um projeto com os alunos dos 2<sup>os</sup> e 5<sup>os</sup> anos, da professora Tania Battisti Faoro, a partir do livro ‘A caligrafia de Dona Sofia’, do autor André Neves, a fim de que pudessem se transformar em grandes escritores. Foi aí que surgiu o interesse de trocarmos cartas”, conta Cassiana Coletti, então coordenadora pedagógica da instituição escolar. Assim, as crianças foram convidadas a escrever cartas, algo que parece tão simples, mas completamente inusitado para uma geração que utiliza muito mais os dispositivos tecnológicos do que papéis e canetas.

Para praticamente toda a turma de estudantes, esse foi o primeiro contato com as correspondências: entender a estrutura do texto de uma carta, conhecer mais sobre a história dos selos, compreender, inclusive, como é o processo de envio pelos Correios e tudo o que está envolvido nessa ação.

As cartas, então, começaram a ser escritas, primeiro direcionadas às famílias, a fim de aproximá-las do processo educativo e estabelecer novos laços e afetos por meio de palavras, às vezes mais fáceis de serem ditas do que o olho no olho.

**“Eu sou nova na escola e nunca tinha escrito uma carta, lidado com isso. Foi tudo muito novo para mim. Quando cheguei aqui, e vi logo isso, comecei a gostar. Agora, adoro receber essas cartas. Eu estou cada vez mais apaixonada por elas!”**

*Julia da Silva Portela – aluna da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)*

VOZES DOS ESTUDANTES

VOZES DOS ESTUDANTES

**“A carta que eu mais gostei foi do meu avô. Ele foi muito carinhoso comigo. Fiquei emocionada.”**

*Iasmin Pimentel Dutra, aluna da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)*

**“A carta que mais gostei foi a da minha mãe, pois ela disse que me amava.”**

*João Vitor dos Santos Turela, aluno da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)*

PALAVRA DAS EDUCADORAS

**“Me surpreendi bastante com esse processo. As mães receberam as cartas com várias perguntas, como foi a gestação, o que sentia, o que esperava. Elas se emocionaram muito e escreveram cartas lindas. Fizemos depois uma roda de conversa, os estudantes mais velhos leram suas cartas. Alguns se abriram para a turma, falaram da formação familiar, alguns viviam com as avós e outros foram adotados. Choraram muito, tiveram a dimensão do sentimento da mãe que, às vezes, não consegue dizer o que sente.”**

*Tania Battisti Faoro, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)*

Em seguida, atentas e reconhecendo os desafios locais, as educadoras convocaram a turma de estudantes a elaborar cartas para as crianças vítimas de uma das maiores enchentes da história do Rio Grande do Sul, ocorrida em maio de 2024. Os impactos desse evento foram catastróficos e abrangentes, afetando cerca de 2,4 milhões de pessoas em 478 municípios, causando 183 mortes e prejuízos econômicos estimados na casa dos bilhões de reais.

Esse evento crítico mapeado sensibilizou todas as pessoas que participaram e reforçou a relevância de uma abordagem que unisse necessidades, solidariedade e aprendizado.

Como, a partir de uma situação tão complexa, continuar a esperar por mudanças sistêmicas? Essa foi a pergunta que a equipe do projeto de pesquisa se fez por conta do momento que o Rio Grande do Sul estava vivendo e, claro, novos caminhos deveriam ser traçados para a continuidade do projeto em Soledade. Coincidência ou não, a equipe decidiu que a estratégia de comunicação com os profissionais da rede de Soledade seria a escrita de uma carta que pudesse conectar os encontros presenciais (um no início do ano letivo e outro que aconteceria em maio e que não foi possível de realizar) e que trouxesse, também, o que sentia a equipe diante dos acontecimentos e de que forma seria possível a continuidade do processo de transformação no território.

VOZES DOS ESTUDANTES

**“Na carta, a gente escreveu que sentia muito por eles terem perdido as casas por conta das enchentes. E a gente ficou dando força para eles, motivação.”**

*Ketlin Chaves dos Santos – aluna da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)*

PALAVRA DAS EDUCADORAS

**“As cartas, enviadas às vítimas das enchentes, não tiveram resposta. As crianças tiveram um aprendizado importante também, que é saber lidar com a frustração, afinal, às vezes, as cartas não vão voltar. Não é o WhatsApp, mandou e já tem resposta. Fomos conversando sobre isso.”**

*Tania Battisti Faoro, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)*

Com o olhar atento, mais uma vez, para as demandas do território, as crianças percorreram o entorno da escola e identificaram um terreno com muito lixo e a necessidade de uma atenção maior por parte do poder público. O que decidiram fazer? Escrever, claro! Dessa vez, as cartas foram direcionadas para o poder público, solicitando uma cidade mais limpa e trazendo sugestões de mudanças. As alunas e alunos do 5º ano foram pessoalmente, com as professoras, entregar as cartas para a prefeita, vice-prefeito e secretários de diversas áreas.

VOZES DOS ESTUDANTES

**“A gente pediu a criação de um parquinho no terreno ou um campinho de futebol.”**

*Nathã Borowski Baldi – aluno da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)*

E não é que as crianças foram ouvidas? As cartas foram lidas na Câmara de Vereadores da cidade e a equipe da Prefeitura e da Secretaria de Educação foi até a escola para conversar com a turma, apresentando um conjunto de respostas às demandas apontadas nas cartas. O resultado é que a área já conta com novas árvores, flores e o lixo foi retirado. As crianças também colocaram a mão na massa e mobilizaram a escola e suas famílias para recolher vários materiais recicláveis, que foram trocados por “Eco Pila”, uma moeda local.

E como o movimento não podia parar, as educadoras decidiram ir além de Soledade. Afinal, a transformação da Educação não se faz sozinha. Eis que surge a **Rede de Cartas!**

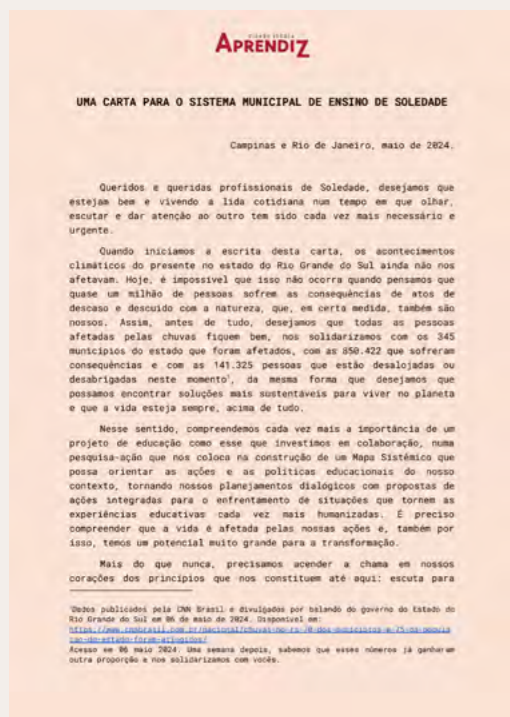
O projeto Eco Pila em Soledade – criado pelo Núcleo Socioambiental da Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Soledade (ACIS), com o apoio de outras entidades – é uma iniciativa que incentiva a separação e reciclagem de resíduos através de uma moeda social, a Eco Pila, que pode ser trocada por produtos e serviços em diversas lojas e estabelecimentos da cidade. Saiba mais em: [www.ecopila.com.br](http://www.ecopila.com.br)



Foto de estudantes do 5º ano da EMEF Santo Antônio, de Soledade, na prefeitura.



Visita da prefeita e de alguns secretários - Meio Ambiente e Agricultura - à turma para realizar a devolutiva das cartas e fazer uma conversa com as crianças.



Carta produzida para Soledade após o encontro virtual de 19 de abril de 2024



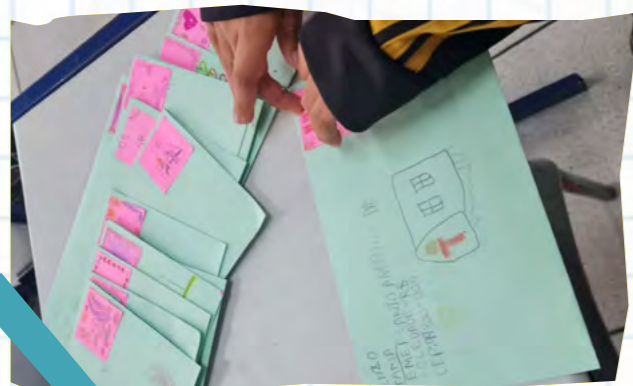
## Rede de Cartas: uma ponte de afetos e aprendizados significativos

Com o apoio e articulação das formadoras do projeto – Heloísa Martins Proença e Giulia Garuzi – as educadoras Cassiana e Tania, da EMEF Santo Antônio, encontraram outras educadoras dispostas a tornar o processo de troca de cartas algo muito além e aproximar estudantes que estão a mais de 1.100 quilômetros de distância, algo em torno de 15 horas de uma viagem de carro!

“Por conta das enchentes no Rio Grande do Sul, tivemos de fazer o encontro de formação com a rede municipal de Soledade, participante do projeto de pesquisa-ação, de forma virtual. Na ocasião, comentei que numa escola de Campinas, as crianças organizaram donativos para enviar ao Sul e um dos alunos comentou com a professora: ‘Mas a gente não vai escrever uma carta, vamos só mandar o donativo?’ Imediatamente, a Cassiana perguntou: ‘Tem alguma escola que queira trocar cartas conosco?’”, conta Heloísa.

Foi assim que as educadoras Ana Luiza Tayar Lima e Andreia Marquete, da EE Prof. André Fort, em Campinas, interior do Estado de São Paulo, se uniram para aproximar crianças com sonhos, perspectivas, histórias e realidades tão diferentes, mas com uma gana de conhecer o outro, de aprender cada vez mais. Ou seja, um processo de aprendizagem realmente significativo.

“Eu estava trabalhando com meus alunos, do 2º ano, justamente o gênero carta. Fazíamos cartas coletivas para a diretora, a coordenadora, a professora do outro período. Quando eu e a professora Andreia, que estava com o 5º ano, soubemos dessa possibilidade de trocar cartas com crianças de Soledade, decidimos participar na hora”, conta a professora Ana Luiza.



Fotos das produções dos alunos e alunas da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

O ponto de partida foi a curiosidade da turma em entender onde ficava Soledade e tudo o que ocorreu no Rio Grande do Sul por conta das enchentes. Em seguida, as crianças passaram a escrever. A primeira carta foi coletiva, digitada pela professora, a partir da contribuição de todos e todas. E não é que depois de 15 dias as cartas com respostas individuais chegaram?

Cartas, escritas à mão pelas crianças de Soledade, trazendo as comidas preferidas, as cores que mais gostavam, a matéria mais interessante na escola, o passeio tão esperado no final de semana...

“Os meus alunos ficaram muito impactados. Partimos, então, para uma escrita individual. Diziam: eu quero colocar isso e aquilo, faltou falar sobre aquela parte. As crianças que ainda não escreviam tiveram uma parceria com os colegas que ajudaram. Eu trouxe para sala de aula, inclusive, as muitas cartas que eu escrevia na minha adolescência, para verem, olharem o selo de antigamente, ver a estrutura de uma carta”, conta Ana Luiza.

Como a Rede não parou de crescer, na metade do ano chegou ao grupo a professora Fatima Cardella de Souza Magalhães, da EMEB Gov. André Franco Montoro, da cidade de Valinhos, também no interior do Estado de São Paulo, com estudantes do 5º ano. A educadora, que ama trabalhar unindo arte, cultura e literatura, também já estava com um projeto em andamento de incentivo à leitura com a turma. Quando foi convidada para participar da Rede, não pensou duas vezes.

Se, no começo, o grupo de estudantes achava que o máximo era escrever uma cartinha para o Papai Noel, a educadora foi mostrando para eles que produzir uma carta poderia ser muito mais.

“Pesquisamos o que é selo, comprei uma cartelinha nos Correios, e dei um selo para cada criança. Elas ficaram encantadas. Vimos a diferença de uma carta registrada, de um telegrama...Pesquisamos num livro didático

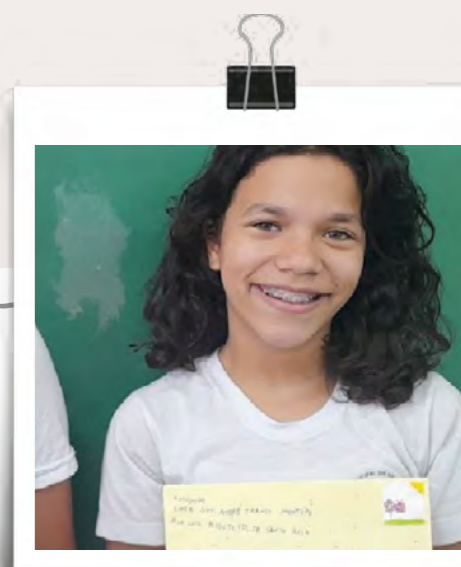
VOZES DOS  
ESTUDANTES

**“Quando a professora disse que a gente ia falar com pessoas novas, eu falei: ‘Então, eu vou ter uma amiga, só que nova?’ Gostava muito de quando ela respondia às perguntas que eu fazia. Eu gostava dela.”**

Laura Pereira Poderoso – aluna da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

**“Eu adorei receber a carta da Ju. Fiquei ansiosa para receber a carta. Eu compartilhei minha cor preferida, minha comida e do que eu gosto de brincar.”**

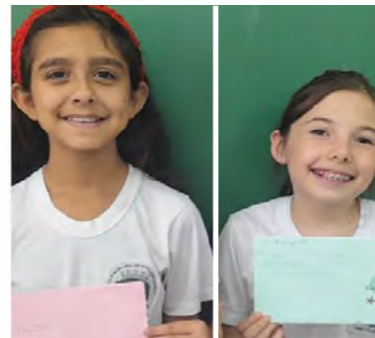
Nathã Borowski Baldi – aluno da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)



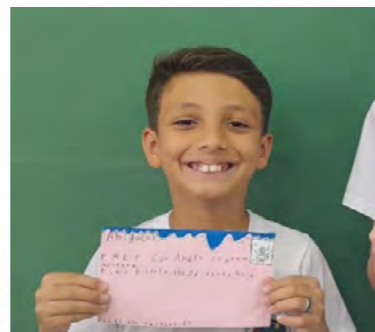
Estudante da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)

sobre o Brasil Imperial, Brasil Colônia, as cartas escritas ao rei. Nos colocamos no lugar daquela pessoa: como a gentealaria para o rei sobre aquele lugar que estávamos acabando de conhecer? E começamos a criar uma carta oralmente. E isso foi bem interessante. Foi quando eles começaram a entender essa comunicação. E, no ir e vir dos encontros, as crianças voltavam para casa, pesquisavam mais, compreenderam a questão histórica da escrita. Inclusive, uma delas trouxe a questão do lacre de cera, fomos fazer a pesquisa e descobrimos que cada lacre tinha uma cor, e cada cor representava uma importância...muitas descobertas”, conta Fatima.

E a troca de cartas continuou ao longo de todo o ano, ampliando ainda mais o conhecimento sobre os diversos territórios. As crianças do Estado de São Paulo passaram a conhecer os costumes das crianças do Rio Grande do Sul. O que será a Semana Farroupilha lá do Sul? E a festa junina no Estado de São Paulo?



Estudantes da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)



Estudante da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)



Semana Farroupilha em Soledade (RS)

VOZES DOS ESTUDANTES

**“Quando a professora disse que a gente iria mandar cartas para o Rio Grande do Sul, eu falei: ‘Como é que é?’ Eu realmente me diverti bastante produzindo as cartas.”**

José Enrico Roncatto – aluno da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)

VOZES DOS ESTUDANTES

**“Gostei que eles escreveram sobre o time deles, a comida preferida. Eu escrevi a cor do meu cabelo, do meu olho. Eles também falaram da cidade deles, da enchente que teve lá, aqui não teve. A festa junina é muito diferente daqui. Eles fizeram uma festa com cavalo. Tudo de lá é diferente de tudo daqui.”**

Arthur Pereira Oliveira – aluno da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

Os temas, inclusive, passaram a ser assunto de outras disciplinas e projetos nas escolas, afinal, despertaram o interesse pela história do país, pelos diferentes costumes e tantas novas descobertas.

Isso sem falar que, a cada carta, a escrita foi se aprimorando. O cuidado com o que escrever, o uso da linguagem formal, a importância de se preocupar em escrever em letra legível para que o outro, tão longe, pudesse compreender o que estava escrito. Fazer, revisar, reescrever. Assim, todo o trabalho buscou a perspectiva de uma escrita contextualizada, com um olhar para sua função social.

E também, é claro, o cuidado e o carinho em produzir as cartas que, para além das palavras escritas, tivessem um pouquinho de si, de seus gostos pelas cores, pelos desenhos... um verdadeiro presente para as amizades distantes.

PALAVRA DAS EDUCADORAS

**“Temos, em Soledade, a Semana Farroupilha e contamos como funciona essa festividade da nossa cultura. É uma semana toda usando roupas típicas, comendo comidas tradicionais. Tiramos fotos e colocamos também nos envelopes com as cartas. Percebi o orgulho deles, a alegria de contar como é isso de verdade, como é vivido aqui.”**

Tania Battisti Faoro, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)

**“Quando chegou a carta sobre a Semana Farroupilha, ficamos dias falando sobre isso. Eles acharam muito diferente, pois em Campinas não existe nada igual. Eu tive que fazer uma conversa que perpassou todas as disciplinas. E aí, ficamos decidindo o que iríamos falar então daqui, pois não temos essa tradição. As crianças acharam fantástica a questão regional, principalmente porque a Tania tirou fotos e eles conseguiram ver quem eram as amigas e os amigos.”**

Ana Luiza Tayar Lima, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)



Estudantes e produções realizadas na EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)

PALAVRA DAS EDUCADORAS

*“A princípio, o meu principal intuito era trabalhar com leitura e escrita dentro da Língua Portuguesa. Só que, no decorrer do projeto, a hora que eu vi, eu estava trabalhando Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, fazendo a linha do tempo da evolução da escrita. Foi muito enriquecedor mesmo, porque a gente conseguia desenvolver bem todos os temas com as crianças.”*

*Andreia Marquete, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)*

*“Muitos começaram a ler depois disso. E teve o momento de voltar à cartinha para ver o que a pessoa tinha perguntado e poder responder. Eu trabalhei muito isso com eles: além de responder o que o amigo perguntou, o que eu quero saber de lá também, escrever coisas novas, para poder dar continuidade à conversa.”*

*Ana Luiza Tayar Lima, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)*

PALAVRA DAS EDUCADORAS

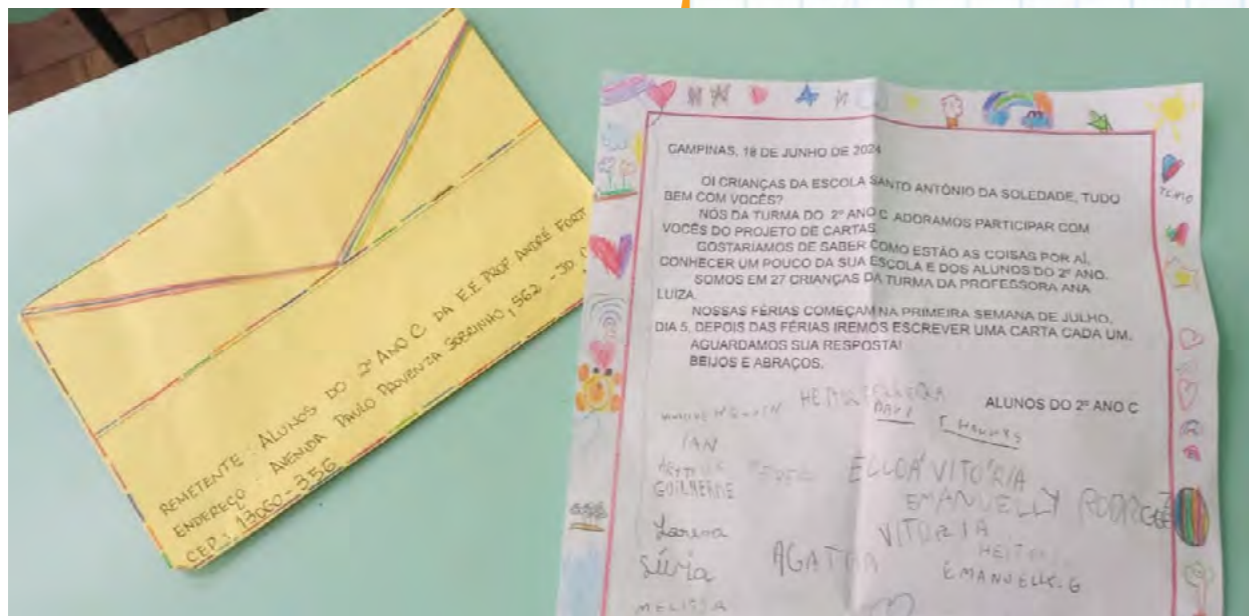
*“As cartinhas que recebemos vieram muito ricas em detalhes, em cuidados, tanto na questão do papel de carta, como da decoração do envelope, um desenho elaborado pelas crianças. Era como um presente mesmo para cada um. Isso movimentou os nossos alunos e alunas para que tivessem o mesmo cuidado com o qual tinham sido presenteados. Utilizamos algumas folhas de fichário desenhadas em envelopinhos coloridos, e aí cada criança criou o seu próprio selo para poder enfeitar esses envelopes. A gente também fez uma dobradura na carta, antes de colocar dentro do envelope, outro carinho diferencial para presentear as crianças de Soledade. A escrita passou a ter um sentido diferente, porque ela precisou de um cuidado, de um olhar diferenciado, que até então eles ainda não haviam demonstrado.”*

*Fatima Cardella, da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)*



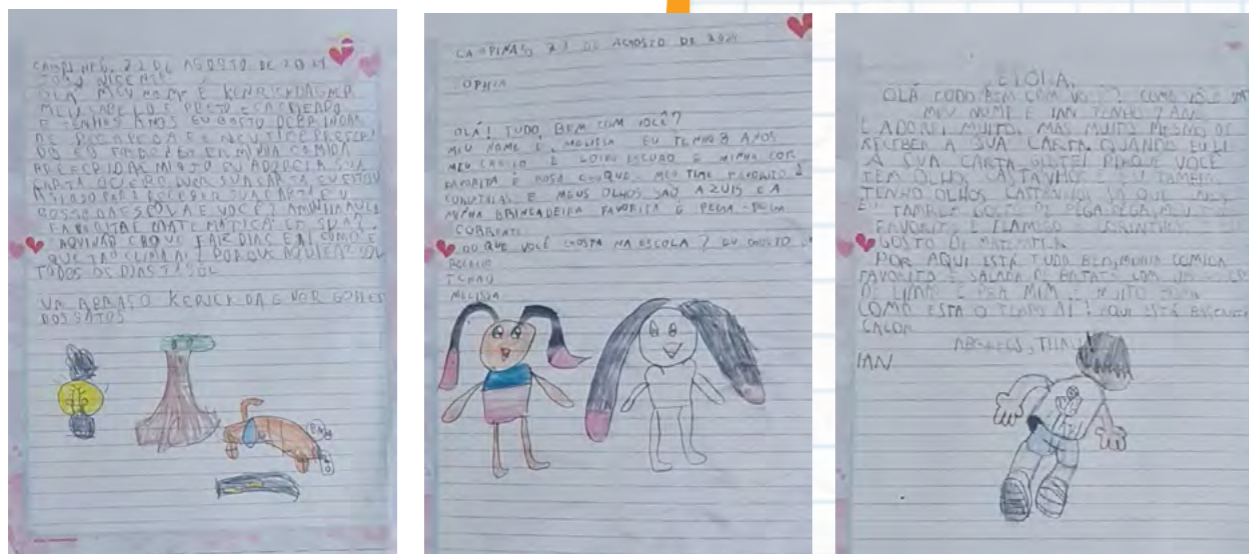
Estudantes e produções realizadas na EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)

**As cartas que começaram assim...**



Carta produzida pela turma do 2º ano da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

**...se tornaram assim no final do ano:**



Cartas produzidas pela turma do 2º ano da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

A primeira carta foi produzida de forma coletiva e a professora foi a escriba.

Com o tempo, as cartas passaram a ser autorais e ganharam desenhos, cores e a personalidade de cada criança.

# HQ: o caminho das cartas que conecta estudantes e escolas pelo país

**Em um dia de aula de Língua Portuguesa, na EE Prof. André Fort, em Campinas (SP), a professora Ana Luiza Lima avisa aos e às estudantes:**

Crianças, vamos participar de um novo projeto e a proposta é escrevermos cartas para estudantes que moram lá em Soledade, uma cidade do Rio Grande do Sul. Hoje, vamos falar mais sobre o formato de uma carta. Vejam aqui um pequeno exemplo.

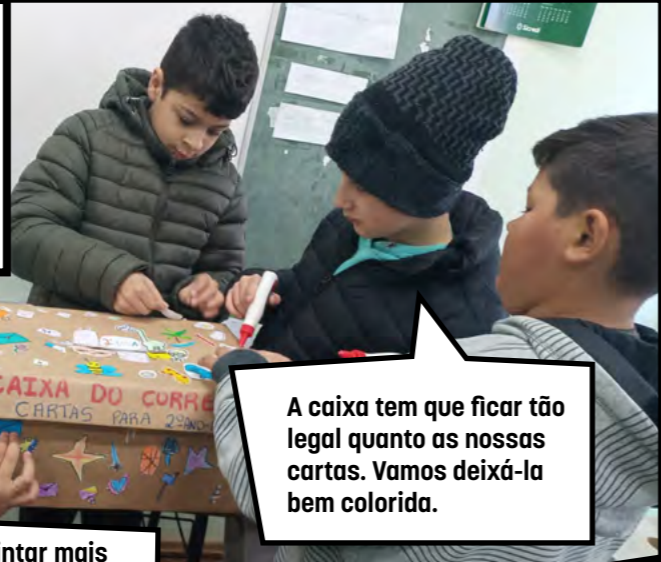
**Lá na EMEF Santo Antônio, em Soledade, a turma do 2º ano, já está a todo vapor na elaboração de suas cartinhas.**

Acho que vou contar sobre a minha cor e comida favoritas. Como será que é a minha nova amiga?

Hum...o que será que eu vou escrever na minha carta?

Será que meu novo amigo vai saber como eu sou pelo meu desenho? Espero que ele goste. Já estou ansioso esperando a resposta.

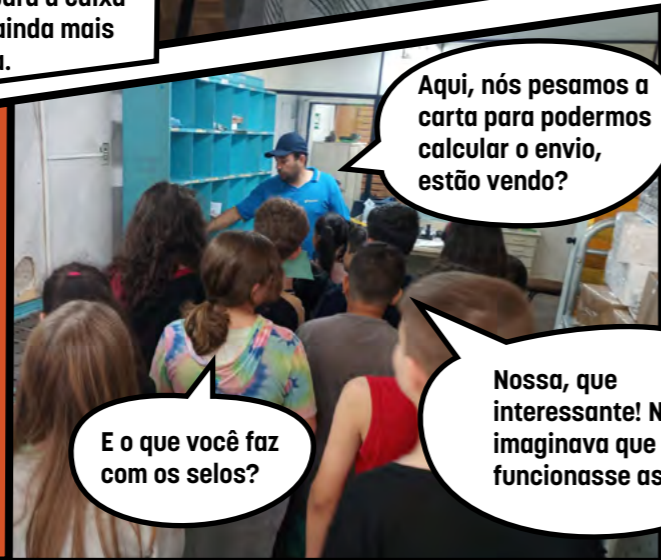
Enquanto isso, a turma do 5º ano, na sala ao lado, prepara a sua caixa de correio para deixar as cartas bem guardadas.



A caixa tem que ficar tão legal quanto as nossas cartas. Vamos deixá-la bem colorida.

Vou pintar mais aqui para a caixa ficar ainda mais bonita.

Aqui, nós pesamos a carta para podermos calcular o envio, estão vendo?



E o que você faz com os selos?

Nossa, que interessante! Não imaginava que funcionasse assim!

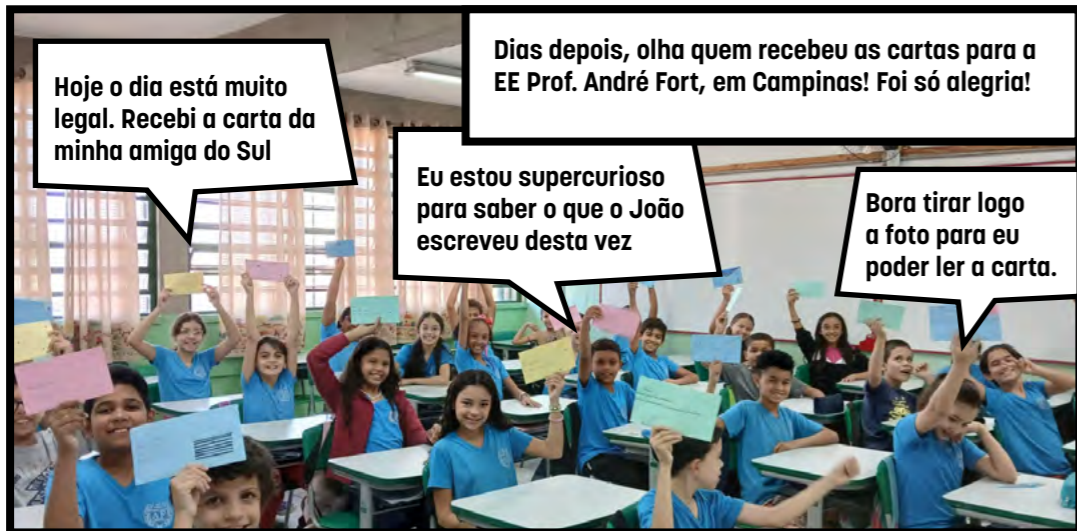
Para tornar o aprendizado ainda mais bacana, rolou até uma visita dos e das estudantes da EMEF Santo Antônio na unidade dos Correios para aprender como é o processo de envio das correspondências e mandar as cartas.

Dias depois, olha quem recebeu as cartas para a EE Prof. André Fort, em Campinas! Foi só alegria!

Hoje o dia está muito legal. Recebi a carta da minha amiga do Sul

Eu estou supercurioso para saber o que o João escreveu desta vez

Bora tirar logo a foto para eu poder ler a carta.



E logo em seguida, o que foram fazer? Escrever, claro!

O que será essa Semana Farroupilha que a Joana comentou na carta? Vou perguntar para a professora para pesquisarmos mais sobre isso.

O Ivan escreveu que ele gosta muito de futebol. Eu também, que bacana! Vou falar sobre o meu time.



Desta vez vou fazer um desenho bem bonito mostrando como eu sou!

Cartas prontas para serem enviadas. Dá uma olhada nos papéis de carta! E o cuidado com o papel cheio de desenhos?

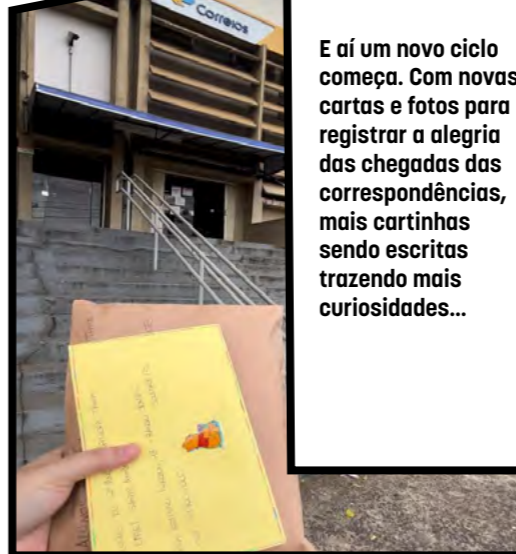


E no grupo do WhatsApp das educadoras, a animação ao longo da semana é inspiradora!

- Por aqui, muita animação 🌟🌟🌟
- Aqui também, segunda às 7h da manhã, já vou contar para minha turma
- Vai ser fantástico 🌟
- Vai sim!
- Eu já estou imaginando os rostinhos deles sonhando com as cartas
- Gratidão por sonharem junto conosco!
- Vamos ter muitas histórias lindas para viver
- Vai ser algo inesquecível para eles e para nós também!

Para fechar o ano, teve até encontro virtual com a participação de todas as turmas de estudantes.

E aí um novo ciclo começa. Com novas cartas e fotos para registrar a alegria das chegadas das correspondências, mais cartinhas sendo escritas trazendo mais curiosidades...



Olha só, são meus amigos de Soledade!

Professora, deixa eu ver se eu encontro a Juliana.

Que alegria!!



FIM

# A aprendizagem transformadora

Quantos aprendizados, conhecimentos e relações é possível despertar nesse movimento de trocas e aproximações? A pergunta feita, lá no começo destas páginas, volta agora num reviver nas memórias das educadoras, que destacam que vivenciar a experiência da Rede de Cartas é reafirmar um currículo contextualizado, vivo, humanizado, significativo, que olhe para o mundo como oportunidade.

E, mais do que isso, para as educadoras, a Rede é uma experiência que coloca em prática os princípios de uma Educação Integral, ou seja, o reconhecimento da importância de promover oportunidades de ensino e de aprendizagem que favoreçam o olhar para todas as dimensões da vida, atendendo às necessidades físicas, emocionais, sociais, culturais e intelectuais das crianças e adolescentes.

Conheça os princípios da Abordagem Sistêmica do Direito à Educação no site do projeto:

[www.cidadeescolaaprendiz.org.br/atuacaosistematica/pesquisacao](http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/atuacaosistematica/pesquisacao)

## Aprendizagem significativa

- Motivação para estudantes que não sabiam ler e se dedicar, cada vez mais, para terem condições de ler as cartas que recebiam.
- Crianças que tinham dificuldade na escrita passaram, ao longo do ano, a aprimorar sua escrita e a se sentirem preparadas para escrever.
- Ampliação do vocabulário.
- O despertar do interesse em saber, buscar e escrever para conseguir se expressar.
- Ampliação dos conhecimentos na organização espacial ao escrever em folhas pautadas, na ortografia e uso de parágrafo.

PALAVRA DAS EDUCADORAS

*“Aconteceu uma aprendizagem não só da escrita e da leitura, mas o aprendizado de um ser como um todo. Alguém que estava em constante aprendizado, de sentimentos, de emoções, de fala, de posicionamento. Porque eles precisavam se posicionar como um ser, contar de si vai além de eu ser bonito, ou feio, contaram como estavam, o que gostavam...Foi uma aprendizagem muito grande. O projeto extrapolou muito a mais de onde imaginamos chegar.”*

*Cassiana Coletti, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)*

PALAVRA DAS EDUCADORAS

*“Esse progresso de ver lá no início quando começou e as últimas cartas foi enorme. A primeira carta era ‘oi e tchau’. E aí eu provocava: ‘O que mais você pode escrever?’ No final do ano, mostrei para uma das alunas a carta inicial e a última. E ela ficou espantada, e disse: ‘Professora, a gente está quase escrevendo como você na adolescência...’”*

*Ana Luiza Tayar Lima, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)*

*“Como foi bonito todas essas trocas. Quando a gente entregava os envelopes, as crianças eram só sorrisos. Dava para perceber que havia sentimento. E sem falar de todas as aprendizagens. No início, eles estavam num coletivo e, depois, passaram para o individual. Estavam escrevendo entre eles e passaram a escrever sobre o eu. Foram grandes transformações na vida deles. É um aprendizado significativo. Passou de um momento de escrever a carta, para uma significância da carta. O poder contar de si para uma pessoa que não conheciam. As cartas se tornaram não só um material educativo, pedagógico, mas um elo de conhecimento e de ligação.”*

*Cassiana Coletti, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)*



Estudantes elaborando as suas cartas na EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)

**“Algo que começou tão pequeno, tomou uma proporção gigantesca. É muito gratificante como professora ver os resultados. Às vezes, no começo, eles queriam que a gente escrevesse. Depois, já pegavam o lápis e o papel e respondiam sozinhos às cartas.”**

Tania Battisti Faoro, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)

**“O salto que tiveram, depois do ingresso no movimento da Rede de Cartas, foi gigantesco, porque eles se depararam com uma preocupação que antes não existia, que é ser compreendido pelo outro, e um outro que está tão distante.”**

Fatima Cardella, da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)



Produções de estudantes da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

PALAVRA DAS EDUCADORAS



### **Desenvolvimento do sujeito integral em suas diferentes dimensões**

- Além das dimensões social, cultural e intelectual, trabalharam muito com a dimensão emocional: expectativas do que viria nas cartas, frustração pelo não recebimento de respostas, ansiedade para a chegada das correspondências, saber esperar o tempo da resposta, alegria pelas novas cartas, insegurança em relação ao que o outro acha e percebe de mim, conquista ou não de novos amigos, medo da exposição, empatia por outras crianças que foram vítimas das enchentes como forma de levar um pouco de alegria e distração, cuidado com o outro.

PALAVRA DAS EDUCADORAS

**“Em História, trabalhei a importância da escrita, na antiguidade e nos dias de hoje, e como que a escrita foi fundamental para todo o desenvolvimento, para toda a nossa evolução. E aí aproveitei esse gancho. Falamos sobre a funcionalidade, a utilidade das cartas, como elas eram usadas no passado. A partir disso, foi só crescimento mesmo dos alunos. Nós abordamos vários temas. Em Geografia, fazendo o reconhecimento do local para onde iriam as cartas, estudamos um pouco da cultura local e isso foi muito enriquecedor. Em Língua Portuguesa, aprenderam a ler, escrever, se comunicar verbalmente, porque eles me perguntavam muito, aprenderam e aprimoraram os seus conhecimentos, mobilizaram os conhecimentos que eles já tinham em relação à escrita.”**

Fatima Cardella, da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)



### **Vivenciar a cidadania**

- Ao exporem suas demandas nas cartas para o poder público, tiveram a oportunidade de se colocarem como cidadãos e, mais do que isso, terem papel ativo no processo, ao também tomarem parte e se responsabilizar por novas ações.



### **Engajamento da comunidade escolar**

- Não só as educadoras diretamente participantes da Rede de Cartas estiveram envolvidas com as ações, mas também engajaram outros sujeitos da comunidade escolar, familiares etc.

PALAVRA DAS EDUCADORAS

**“A expectativa da chegada da carta acabou envolvendo outras pessoas da escola porque, toda vez que chegava o envelope com cartinha, era uma festa. A escola inteira se movimentava, ficava todo mundo eufórico e corriam para a sala a fim de que as crianças pudessem ver o mais rápido possível. E elas também ficavam eufóricas. Então, a gente tinha que parar tudo, porque não era possível seguir com nada e falar: ‘Ah, daqui a pouco a gente abre’. Não, a gente realmente parava tudo, abria os envelopes, curtia esse momento e dava sequência no que estava fazendo no outro dia.”**

Andreia Marquete, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

PALAVRA DAS EDUCADORAS

**“As cartas estavam demorando muito para chegar. Então, eles estavam meio desconfiados: ‘Será que vai chegar mesmo? Por que está demorando tanto?’ É uma geração que a questão do tempo é muito diferente. É tudo muito automático, pronto e rápido. Tanto que a primeira coisa que me perguntaram na hora de responder às cartas era se podia colocar o telefone, o WhatsApp, para poder ser mais rápida essa conversa. E eu tive que falar que, nesse primeiro momento não, porque o objetivo era realmente aproveitar, saborear o momento de espera e imaginar como vai ser essa resposta, como vai ser a reação das crianças quando receberem a nossa resposta. Então, foi um trabalho muito além da escrita, me surpreendeu demais, porque ele ultrapassou alguns limites que eu nem imaginava.”**

Fatima Cardella, da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)

**“No momento em que eles estavam lendo as cartas, foram fazendo uma reflexão de autoconhecimento: ‘Agora eu preciso escrever, o que quero falar de mim?’ Esse processo durou vários dias. Eles me perguntavam: ‘Professora, posso colocar isso, posso colocar aquilo?’. Então eles se conheceram bastante. Acho que foi muito bom para conhecer o outro também e ter esse olhar voltado para as diferenças.”**

Andreia Marquete, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

**“Esses momentos foram muito válidos, pois colaboraram para a conscientização das crianças de que são parte de alguns problemas da sociedade e podem fazer parte da solução dos mesmos.”**

Tania Battisti Faoro, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)

**“Falamos sobre o cuidado de escolher o papel para escrever e aí lembramos dos papéis de carta. Nesse momento, as famílias já haviam entendido o movimento e tivemos algumas preciosidades e relíquias. Algumas mães mandaram papel de carta de quando elas eram pequenas, que tinham pastas de papel de carta, para mostrar para as crianças, com todas as recomendações para que voltasse.”**

Fatima Cardella, da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)

**“Somente desse modo puderam perceber diferenças e semelhanças dentro de escolas que, mesmo sendo como a nossa, são tão diferentes em alguns aspectos. As crianças perceberam também as mudanças climáticas de um estado para o outro na prática, o modo de falar e escrever, os costumes nos quais se destacam coisas que para nós não são as mesmas.”**

Tania Battisti Faoro, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)



### Articulação com diferentes territórios

- A troca de cartas entre três cidades diferentes permitiu que os e as estudantes conhecessem várias realidades, descobrissem a diversidade entre escolas e colegas e passassem a valorizar mais as diferentes culturas existentes no Brasil.

PALAVRA DAS EDUCADORAS

**“As famílias deram retornos muito positivos, pois eles chegavam em casa querendo contar, ler a carta. Envolveu muitas pessoas. Realmente saiu dos muros da escola.”**

Ana Luiza Tayar Lima, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

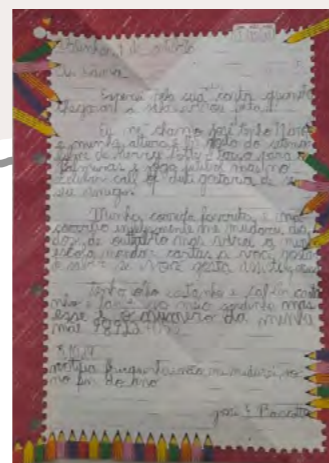
**“Para as crianças que nunca saíram do Estado, abriu um leque de possibilidades. Um aluno perguntou: ‘Será que um dia poderíamos ir para lá [São Paulo]?’”**

Tania Battisti Faoro, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)

**“Viajamos para outra cultura, outro território.”**

Ana Luiza Tayar Lima, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

Produção de estudantes da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)



### Em síntese: qual a relação entre a Rede de Cartas e a Educação Integral?

- A Rede de Cartas colocou o currículo em diálogo com o território, considerando as suas potencialidades e necessidades, em uma interlocução que nasce de uma situação real. A escola que sai de si mesma e se espalha.
- A experiência coloca em movimento a ideia de rede e de Intersectorialidade. A escola, sozinha, não conseguiria avançar tanto; foi preciso mobilizar agentes externos para possibilitar novas ações.
- O conhecimento que estava sendo construído com as crianças, curricularmente, transforma-se em prática social. E a aprendizagem das crianças ganha em qualidade.
- A escola transforma-se em espaço de pesquisa da prática. Para realizar tudo o que fizeram foi preciso olhar para si, aprender como produzir, analisar o que produziram e considerar tudo isto ao propor novas intervenções e propostas.
- A implementação de metodologias ativas permitiu aos e às estudantes serem sujeitos e sujeitas da própria história. O grupo não estava apenas recebendo, mas atuando como pessoas que produzem junto com a escola, com a professora, com colegas e ainda expandem para suas relações pessoais.

## A experiência compartilhada que inspira para novas práticas

“Essa é a beleza da troca de carta: ser autor da sua escrita”. Isso é o que acredita a professora Roseane Daminelli Gomes, Mestra em Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e membro do Grupo de Estudo e Pesquisa de Educação Continuada (GEPEC). Roseane aposta tanto nisso que se encantou com a Rede de Cartas e decidiu convidar as professoras e estudantes de Soledade para compartilharem essa experiência com outros educadores participantes do curso de extensão “Pedagogia Freinet, princípios e possibilidades de uma prática humanizadora”, da Unicamp, promovido em 2024.

Roseane conta que o pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966), mundialmente conhecido por sua prática pedagógica humanizadora, tinha como um dos instrumentos para tal, justamente a correspondência interescolar. “É a criança tendo autonomia no pensar, no que deseja escrever, a livre expressão e a cooperação também. É a criança como centro, como autora do trabalho. Não é a escrita do que o professor acha importante ser perguntado, contado, mas sim um texto escrito pelas crianças. Elas vão dizer o que querem falar”, conta Roseane.

Justamente isso, segundo Roseane, foi possível perceber nas falas das professoras e das crianças de Soledade, durante uma das aulas *online* do curso, apesar da timidez, já que foi uma vivência nova para a turma de estudantes estar em uma chamada de vídeo pelo computador, ainda mais numa noite na escola.

“Foi muito especial. A coordenadora Cassiana contou como as crianças que não escreviam passaram a se apropriar da escrita, algo que vem ao encontro desse instrumento. Além disso, a troca de cartas é um momento muito rico de aprendizagem, porque passam a conhecer outros lugares, de regiões muito diferentes. Essa troca é muito rica para o trabalho em sala de aula, pois desperta inúmeras curiosidades que podem ser temas para projetos. E o princípio do trabalho não é um fazer automático, mas que tem sentido.”

PALAVRA DAS EDUCADORAS



Os e as estudantes e as professoras da EMEF Santo Antônio, de Soledade (RS), compartilharam a experiência da Rede de Cartas com alunos de curso de extensão da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

**“Acredito que, pelo fato de englobar tantos conhecimentos, conteúdos, sentimentos e trocas tão significativas, tenha conseguido atingir um pouco daquilo que pensamos quando falamos em Educação Integral, pois não ficamos restritos à fase curricular e nem a conteúdos estanques. Foi, realmente, integrado.”**

Tania Battisti Faoro, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)

**“As crianças foram protagonistas o tempo todo, foi um trabalho muito significativo. E isso é um dos princípios da Educação Integral.”**

Fatima Cardella, da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)

**“A Rede de Cartas contribuiu fortemente para o fortalecimento dos princípios de Educação Integral, pois envolveu aspectos cognitivos, emocionais e sociais dos alunos. Ao trabalhar a leitura e a escrita com um propósito real e social, as crianças compreenderam a função da escrita na comunicação e na construção de relações. Além disso, o projeto foi uma oportunidade de integração entre a escola e a comunidade, além de desafiar a ideia de que certos projetos são impossíveis para crianças do 2º ano. Mostramos que é possível e extremamente enriquecedor trabalhar com propostas mais complexas, mesmo com turmas mais novas.”**

Ana Luiza Tayar Lima, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

# Rede sempre rede: conexões que não se desfazem

Quem nunca ouviu a expressão popular: “Sozinho vamos mais rápido, mas juntos vamos mais longe”? No projeto da Rede de Cartas, a vivência desse velho ditado acontece na prática.

Em suas falas e depoimentos, é fácil perceber o quanto todas as educadoras já desenvolviam propostas significativas para o grupo de estudantes, colocando as crianças como protagonistas e centro do processo educacional. Mas, juntas, atuando em rede, elas ganharam ainda mais força. Afinal, isso é rede: é junção, é união, é interconexão de pessoas, que se comunicam e interagem o tempo todo, para atuar em colaboração a fim de potencializar ações.

A troca de cartas foi uma vivência desenvolvida entre elas ao longo de 2024, mas a Rede continua. Ela não se desfez, pois há uma potência pulsante.

“As educadoras continuam conectadas e isso é muito importante, ter uma rede de profissionais, de escolas diferentes, que se apoiam, que trocam materiais, que produzem conhecimento sobre a própria prática. Isso mostra a sustentabilidade das redes, e que elas independem de projetos da estrutura do sistema de ensino. Elas não estão juntas por conta do sistema que trabalham, mas do trabalho que realizam”, ressalta Heloísa, pesquisadora do projeto.

PALAVRA DAS EDUCADORAS

**“Quando iniciamos o ano letivo de 2025, como estou com a mesma turma, uma das primeiras perguntas das crianças foi se iríamos continuar o projeto de cartas com os amigos de 2024. Esse interesse gerou uma nova proposta: estamos planejando iniciar um novo ciclo de trocas de cartas, desta vez com uma turma de outra cidade do interior de São Paulo. Essa proposta reflete o impacto duradouro do projeto e o desejo das crianças de continuar aprendendo por meio dessa prática.”**

Ana Luiza Tayar Lima, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

**“Gratidão ao projeto por nos unir. Isso nos mostra que estamos, sim, num caminho de Educação significativa, Educação que move. O quanto isso me traz alegria. E estamos num grupo de um valor imenso. Somos educadoras que buscam não só o conteúdo, mas o ‘eu’ do aluno!”**

Cassiana Coletti, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)

PALAVRA DAS EDUCADORAS

**“Em 2025, a proposta é escrever cartas, mas explorar mais essa relação com as famílias, pessoas mais próximas. Eu acho que, se as crianças tiverem a oportunidade de conhecer pessoalmente, é algo que vai agregar bastante.”**

Andreia Marquete, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

VOZES DOS ESTUDANTES

**“Sinto saudades porque não tem mais. Se pudesse, eu gostaria de poder continuar escrevendo.”**

Emanuel Desengrini de Oliveira - aluna da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)



Cassiana Coletti, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)



Ana Luiza Tayar Lima, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)



Fatima Cardella, da EMEB Gov. André Franco Montoro, Valinhos (SP)



Tania Battisti Faoro, da EMEF Santo Antônio, Soledade (RS)



Andreia Marquete, da EE Prof. André Fort, Campinas (SP)

## #Ficaadica: que tal implementar uma Rede de Cartas em seu território?

Confira algumas dicas preparadas pelas educadoras que vivenciaram essa experiência tão significativa, para que um projeto como esse possa ser desenvolvido:

**1** Planejar com antecedência e garantir que haja tempo suficiente para a troca das cartas e a revisão do conteúdo.

**2** Tornar a escrita das cartas uma prática social real, utilizar os recursos adequados como papel de carta, envelope, selos etc. Aproximar a experiência escolar da vida!

**3** Criar um ambiente de expectativa e entusiasmo nas crianças, para que se sintam motivadas a participar ativamente.

**4** Envolver as famílias no processo, seja por meio de registros fotográficos ou por rodas de conversas sobre o que está sendo aprendido.

**5** Revisar sempre as cartas antes do envio, para que as crianças compreendam a importância da escrita correta e da comunicação clara.

**6** Planejar diversos momentos de interação entre estudantes das diferentes escolas ao longo do processo, não apenas no encerramento.

**7** Incorporar também atividades conjuntas, como desafios criativos ou projetos colaborativos, que envolvam as várias turmas. Essas ações podem ampliar ainda mais o sentido de comunidade e colaboração entre estudantes.

**8** Desenvolver o projeto de forma contínua, e não apenas em um ano letivo, permite o fortalecimento e a continuidade das ações.

**9** Envolver as turmas de tempo integral, a fim de que mais estudantes participem e o trabalho seja ainda mais proveitoso.

Realização

CIDADE ESCOLA  
**APRENDIZ**

Apoio



**imaginable  
futures**

Elaboração



ISBN: 978-85-64569-45-4

**CD**



9 788564 569454